“Os pais que proporcionam uma atividade desportiva aos seus filhos são uns verdadeiros heróis. Muitos têm que sair dos seus trabalhos para irem buscar os filhos à escola levarem-nos para os treinos num enorme dispêndio de tempo e energia.

Se a este esforço associarmos o transporte aos fins-de-semana para os jogos e o facto de praticamente todos os praticantes de minis pagarem uma mensalidade, que ajuda a sustentar a existência dos clubes, só podemos estar gratos aos pais”. San Payo Araújo

Em Portugal, ao contrário de Espanha, a grande maioria das crianças entre os 6 e os 12 anos começam os seus treinos após as 18.30. Este facto introduz logo diferenças significativas entre o minibásquete em Espanha e no nosso país. Quer em termos de cansaço do final do dia, quer em termos de atenção e concentração. As capacidades das crianças já estão mais reduzidas, o que levanta maiores dificuldades aos treinadores. Também os pais sofrem com esta situação, pois é tarde que levam os seus filhos para casa e muitas das vezes ainda com trabalhos exigidos pela escola, por fazer. A frase com que começo o artigo já foi escrita num artigo há vários anos, mas infelizmente continua atual. Na verdade, os pais que querem proporcionar aos seus filhos a prática do minibásquete são uns verdadeiros heróis.

A acumulação dos treinos a partir das 18.30 congestiona e de que maneira as condições de treino, com muitos treinos em paralelo e simultâneo, o que aumenta as dificuldades de ensinar, com tanto barulho dentro dos pavilhões. Quantos clubes têm no nosso país realmente boas condições de treino para os minis? Na mesma semana em que o David Cardenas teve a sua intervenção em Queluz eu tinha estado a convite dos amigos João Machado, Fernando Lemos e Telmo Botelho também em Queluz para transmitir um pouco da minha experiência aos treinadores dos Mini-8 e Mini-10 do clube. O Clube Atlético de Queluz, que está a desenvolver um bom trabalho de recuperação da atividade dos minis, defronta-se com o problema da grande maioria dos clubes deste país: falta de espaços, em grande parte fruto, dos horários escolares. Este são e repito o maior inimigo da atividade desportiva infanto juvenil, nomeadamente dos jogos desportivos coletivos.

Quando eu lhe disse a que horas e em que condições os minis do clube estavam a trabalhar rapidamente ficou perceptível que grande parte dos exercícios apresentados pelo David Cardenas não poderiam ser postos em prática. As condições eram as seguintes: Os treinos dos minis tinham decorrido das 18.30 às 20.00 com pavilhão dividido em 4 campos, dois transversais, nos topos do pavilhão e dois campos longitudinais em paralelo, na parte central do pavilhão. Nos topos treinavam dum lado os Mini-12 mais evoluídos, no outro topo os Mini-12 mais inexperientes e nos campos centrais lado a lado estavam a treinar os Mini-10 e ao lado os Mini-8. No campo dos Mini-10, um espaço relativamente reduzido, estavam a treinar quase 20 minis.

Este é um problema que os “clinics” destinados ao minibásquete levantam. Sem tirar mérito aos competentíssimos treinadores que, felizmente, tem vindo ao nosso país realizar “clinics”, normalmente estes têm à sua disposição condições para fazerem a apresentação das suas propostas, que raramente existem nos clubes. Normalmente podem fazer as suas apresentações com grupos relativamente homogéneos, não excessivamente numerosos e em espaços adequados. Ora quantos clubes existem no nosso país com estas condições para treinar minibásquete?

As propostas que eu apresentei em Queluz não foram em função de como eu gostaria que fosse trabalhado aquele escalão, mas levando em consideração as condições em que aqueles jovens treinadores estavam a dar treino. Contudo há um princípio que lhes transmiti que devia levar sempre em consideração, que é o princípio de tempo de empenhamento motor. Se não conseguem, fruto das condições de treino, ensinar tudo o que gostariam, pelo menos organizem os treinos sem grandes tempos mortos e filas.